



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A “ARTE DE ENTERRAR” NOS ESCRITOS DE FREI VICENTE DO SALVADOR

Cleyson Pinheiro

Graduando em História UFCG
cleyson.pinheiro15@gmail.com

Lana Gomes de Araújo

FACISA/UFCG/PPGH
lanacamilagomes@gmail.com

Juciene Ricarte Apolinário

PPGH/UFCG Campina Grande (UFCG).
apolinarioju@gmail.com

INTRODUÇÃO

A corrente historiográfica que surge em meados da década de 1970, a 3ª Geração da Escola dos Annales, propôs inovações na maneira de como se escrever a história. Valorizando uma história das mentalidades e uma história cultural, as mudanças desenvolveram uma importante contribuição para as pesquisas historiográficas atuais.

Historiadores como Robert Darnton e Jacques Le Goff são exemplo desse novo tipo de abordagem histórica, que leva em consideração uma pesquisa que se debruça nos estudos dos hábitos e costumes de uma sociedade, buscando através do contexto sociocultural entender os acontecimentos de cada época. Jacques Le Goff (1993) dizia que “as mentalidades deram oxigênio à história”. E, desde então muitos historiadores influenciados pelas suas análises vem utilizando esse tipo de abordagem, o que certamente tem contribuído para abertura do campo da pesquisa observando o comportamento dos diferentes agentes históricos, que por muito tempo foram esquecidos das pesquisas historiográficas.

Nesse sentido, este trabalho busca ressaltar sobre a história dos povos indígenas no nosso país a partir dos sepultamentos nas aldeias indígenas, tomando como base o capítulo décimo quinto *Da cura dos seus enfermos e enterro dos mortos*, do primeiro





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

livro *História do Brasil*, escritos pelo Frei Vicente do Salvador. Partindo da premissa de que no Brasil há uma diversidade e a presença de muitas comunidades indígenas, sendo que cada grupo apresenta suas particularidades culturais, transfiguradas nos rituais, crenças, modos de se vestir, comportar, etc, analisaremos como os homens e mulheres indígenas são representados no livro do Frei Vicente a partir do ritual de enterrar os mortos.

Além disso, foi realizada uma discussão com as leituras teóricas-metodológicas sobre história indígena que foram discutidas a partir das disciplinas de História do Brasil e das discussões realizadas no Grupo de Pesquisa Brasil Colonial e Imperial/CNPq ao longo do ano de 2019.

Sobre Frei Vicente do Salvador e a obra

Frei Vicente do Salvador nasceu em 29 de janeiro de 1567, na sé da cidade de Salvador e escreveu o livro *História do Brasil* no ano de 1627. Era filho de João Rodrigues Palha que naufragou no Brasil, em meados de 11 de novembro de 1554, quando Vicente do Salvador começou a fazer parte do processo de catequização dos *índios* da Capitania da Paraíba.

De acordo com as fontes, no início do século dezessete, ele teria viajado para Olinda, onde lecionou até 1612, já que os padres naquela época eram os responsáveis não somente pela catequização, mas pelo ensinamento da gramática, por exemplo, até a expulsão dos jesuítas no século XVIII pelo Marques de Pombal.

Ainda na primeira metade do século XVII, Frei Vicente partiu para o convento da Bahia, onde passou a exercer a função de guardião do convento. Foi quando, o dito Frei foi passar um certo tempo em Portugal, onde publicou sua primeira obra: uma crônica que relatava como eram os serviços de catequização no Brasil Colônia.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Alguns historiadores relatam que foi em Portugal onde o Frei começou a escrever a *História do Brazil*, mas só teria terminado após o seu retorno ao Brasil, em 27 de dezembro de 1627. Quase dez anos depois, teria falecido entre 1636 e 1639, como afirma Milena Oliveira (2003).

Os estudos apontam que Frei Vicente do Salvador teria escrito esta obra a partir de um pedido de Manuel Severim de Faria, quem teria conhecido durante umas de suas viagens entre Portugal e Salvador, quando este último teria solicitado que Frei Vicente escrevesse sobre “coisas do Brasil”.

História do Brazil possui cinco livros, com conteúdo distintos entre eles. Basicamente os dois primeiros tratam da história do Brasil em seu descobrimento e as políticas da coroa portuguesa, para dividir o território entre capitânicas hereditárias, estratégia de administração e outros assuntos, ou seja, ele descreve os primeiros momentos do Brasil.

Além disso o autor busca fazer descrições geográficas de sua impressão sobre o recém território conquistado, descrevendo os animais, a floresta e o cotidiano dos *índios*. O primeiro livro contém 17 capítulos, cujo faz parte do material selecionado para esta pesquisa. Nele são descritas a chegada da frota de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro no ano de 1500, a discussão sobre a razão da escolha do nome “Brasil” para o novo território, sobre a existência de minas de metais preciosos, sobre as faculdades curativas das plantas e árvores, da fauna e as características climáticas e geográficas do território da América lusa e as práticas de enterros, como mostra Mariana Souza (2016).

A arte de enterrar

Os povos indígenas viam a morte de diferentes maneiras, cada grupo possuía e possui ritos próprios e sempre bem diversos. Frise-se que cada povo trata a morte em seu estado social, faixa etária e as condições de morte. Para tanto, observar os





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

procedimentos de rituais – compreendendo preparo do corpo, encomendação e obrigações com o morto, além de indicarem as formas de enterramento é necessário para o desenvolvimento desse trabalho.

Frei Vicente viajou pelo o Brasil, conseqüentemente ele obteve informações de vários povos indígenas, dificultando assim ao qual povo ele se refere quando escreve a História, bem provável que ele tenta descrever em um capítulo tudo o conteúdo que ele obteve em suas muitas viagens. Revelando também, que a partir de seu olhar de europeu, etnocêntrico e representante da Igreja Católica, o que para ele provavelmente os povos indígenas eram todos iguais, sem considerar a multiplicidade desses povos.

Uma das primeira observações feitas é a morte do ponto de vista hierarquizada, Frei Vicente descreve que “[...] algum morre o levam a enterrar, embrulhado na mesma rede em que dormia [...] mas se morre algum principal da aldeia, o untam todo de mel [...]” observa-se a existência de uma distinção entre os diferentes níveis da sociedade, enquanto o enterro de um comum, limitasse ao um preparo do corpo simples, os principais homens da aldeia tem um tratamento do corpo com muitas particularidades, como por exemplo material de enfeites.

A pesquisadora Ítala Irene Basile Becker (1994) abordou sobre a a temática de rituais de sepultamento por status social, estudado o povo Kaingáng ela concluiu que “o cerimonial de preparação, velório e enterramento diferem de acordo com o status (...) para o cacique principal reveste-se de grande pompa, decorrente de seu sfaløs máximo”. Revelando que os rituais de morte de grupos indígenas, muitas vezes estavam atrelados ao espaço social que cada indivíduo ocupava, a morte era trada de maneira hierarquizada.

Outro ponto discutido no texto do frei, refere-se as covas profundas localizadas dentro da residência do morto, acompanhada de seu armamento e outros pertences, diz o frei que “fazem-lhe na mesma casa, e rancho onde morava, uma cova muito funda e grande, onde lhe armam sua rede, e o deitam nela assim enfeitado com seu arco e flechas, espada e tamaracá...”.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Para Jane Felipe Beltrão, Rhuan Carlos dos Santos et al em 2015, publicaram as suas pesquisas sobre como vários povos indígenas lidavam com os seus mortos. Para os autores, ao problematizarem sobre os rituais dos povos indígenas, era evidente as suas diferentes formas de sepultamento e como cada cultura lidava com esse momento. Dentre esses povos estudados, os Tapirapé estudado pelos os pesquisadores, tinha a tradição de sepultarem os mortos dentro de casa, outro fator relevante que os autores destacaram são os locais escolhido para a sepultura, o mesmo está relacionado com o local da rede do indivíduo antes de morrer.

Sendo assim, os autores dizem que o ritual de morte estava atrelado também ao seu tempo de vida. Já os povos Ka'apor são destacados pela a profundidade de suas covas e objetos que os mortos levavam com eles, tal acontecimento e destacado por Ribeiro (1996):

[f]incam dois paus no fundo e neles atam a rede com o defunto. Por cima sem tocar no cadáver, fazem uma armação de paus que cobrem com folhas e depois, a enterram até o nível do chão. Então arrumam um pequeno tapiri em cima e dentro dele deixam farinha, água tabaco e um foguinho aceso. Além do fogo e alimentos, o morto recebe suas armas, mas o homem vai nu e a mulher apenas com a tanguinha usual, ambos sem qualquer adorno (RIBEIRO, 1996, p. 121).

Vale mencionar que os povos indígenas tinham e tem a tradição de enterrar seus mortos, como uma série de prática e costumes, como observado, era comum covas grandes, acompanhando de objetos e muitas desses sepultamentos se davam em suas próprias residências.

As longas lamentações também foram observadas pelos os pesquisadores. Nos povos Apinayé e Tapirapé, o pranto se dava de maneira coletiva e realizado dentro das suas casas. Os familiares choram em volta do morto e as pessoas que mantêm entre si relações sociais tomam parte nos lamentos, mesmo que não haja parentesco sanguíneo com o defunto.

Outra característica é o corte dos cabelos das mulheres. Como forma de luto pela perda de seus maridos, além disso outra forma de viver o luto é pitando-se de jenipapo





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

sendo comum em ambas as culturas, essa prática acontece no início do luto e no fim. Segundo os mencionados autores acima

“por ocasião da morte de parentes é a necessidade de cortar rente os cabelos, obrigação estendida aos homens e às mulheres, do mesmo modo a pintura corporal com jenipapo, que marca o início e o fim do luto.” (BELTRÃO, et al., 2015).

Essa prática também é observada pelo Frei Vicente “[...] e a mulher por dó corta os cabelos, e tinge-se toda de jenipapo, pranteando o marido muitos dias, e o mesmo fazem com ela as que a vem visitar, e tanto que o cabelo cresce até lhe dar pelos olhos, o torna a cortar, e a tingir-se de jenipapo, para tirar o dó, e faz sua festa com seus parentes, e muito vinho.” Conta ele que os povos indígenas viviam o luto, com um rito que seguiria por clamores e formas de respeito ao morto, assim como as mulheres em suas particularidades e cada povo com suas tradições específicas.

Algo que chama bastante atenção no texto do Frei são às festas em meio ao velório, ele descreve “[...] grandes revoltas de cantar, e bailar, e beber, nestas festas se cantam as proezas do defunto, ou defunta, e do que tira o dó [...]” os registros históricos sobre essas práticas são bastantes escassos. Existe, entre os Tapirapé, a festa dos mortos, ocasião na qual são preparadas bebidas muito cobiçadas entre adultos e crianças de ambos os sexos, no entanto não há tanta riqueza de detalhes sobre essas práticas, como se davam, suas particularidades e a razão desse acontecimento.

Os registros expostos ao longo do texto permitem, apesar das lacunas de informação existentes, esboçar um quadro relativo a práticas funerárias de comunidades indígenas. Compreendendo como é diverso o universo cultural desses povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

História do Brasil é um livro do século XVII, escrito sobre um contexto de um novo mundo encontrado pelos europeus e como os habitantes dessas terras intrigavam os colonizadores, devido a eurocentrismo. Frei Vicente do Salvador se impressionou com a cultura e tradição dos povos locais, os enterros e ritos funerários fazem parte de uma identidade, que o frei tenta descrever. Lembrando que, o dito frei fazia parte de uma época em que não tratava os povos indígenas diante suas diferenças e multiplicidades e discutia sobre estes povos através de um olhar europeu e de um representante da Igreja, ainda por cima.

A visualização do frei perante as tradições culturais dos povos indígenas, são pontos que merecem muita atenção nos estudos históricos. As tradições indígenas precisam ser compreendidas a partir de suas multiplicidades étnicas e culturais, e a análise e discussão sobre os seus ritos funerários ou formas de convivência, assim, pode se apresentar como um ponto de partida para isto. Através da leitura dos textos, foi possível identificar os lugares de sepultamento, o uso do território, as circunstâncias de uso, as práticas, observando como é vasto a cultura das aldeias indígenas, algo que foi observado pelo o Frei Vicente do Salvador e que podemos visualizar através da pesquisa.

Estudar sobre História Indígena e sobre os povos indígenas ainda é muito difícil no nosso país, onde temos que lidar com uma historiografia que perdura nos ensinamentos nas escolas que trata os povos indígenas como pessoas que ficaram no passado, determinando aos homens e mulheres indígenas o período colonial. Além do mais, as temáticas que envolvem os indígenas são pouco valorizadas na nossa sociedade, que não tem conhecido acerca desses povos, fazendo difundir regimes de memórias estereotipados e ideias errôneas sobre a cultura desses povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte Documental





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

SALVADOR, Fr. Vicente do. **História do Brasil** (1627). 5a edição, São Paulo, Melhoramentos, 1965.

BECKER, I.I.B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 61-74, 1994.

BELTRÃO, Jane Felipe. SANTOS, Rhuan Carlos. CUNHA, Mainá Jailson Sampaio. MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré. DOMINGUES, William César Lopes. TOMÉ, Tiago Pedro Ferreira. Vida e morte entre povos indígenas. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 206-238, jan./jun. 2015.

OLIVEIRA, Milena Fernandes. **Diálogos entre caminha e rei Vicente Salvador** - Construção de uma “arqueologia” da consciência da diferença entre colonos e reinóis em documentos luso-brasileiros dos séculos XVI e XVII. Dissertação (Dissertação em História Econômica) – UNICAMP. Campinas, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios: os Urubu-Kaapor**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SOUZA, Mariana Silveira Leonardo de. **Espacializando a Historia do Brazil, de frei Vicente do Salvador**. Dissertação (Dissertação em História) – UnB. Brasília, 2016.

